



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



Marcio Jose Ornat

**TERRITÓRIO DESCONTÍNUO E MULTITERRITORIALIDADE NA
PROSTITUIÇÃO TRAVESTI NO SUL DO BRASIL**

Projeto de Tese de Doutorado proposto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Área de Concentração – Organização e Gestão do Território, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientador: Drº Roberto Lobato Corrêa.

Outubro

2009

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	2
2. PROBLEMÁTICA.....	3
2.1. O Conceito de Território Presente na Discussão Geográfica e o Território da Prostituição Travesti.....	4
2.2. Gênero e Sexualidade: Uma Lacuna na Produção Geográfica Brasileira....	10
2.3. Prostituição Travesti e Território Descontínuo.....	20
3. QUESTÕES.....	28
4. OPERACIONALIZAÇÃO.....	29
5. CRONOGRAMA.....	32
6. BIBLIOGRAFIA.....	33
7. ANEXO.....	41

1. INTRODUÇÃO

A compreensão das formas pelas quais as práticas territoriais da prostituição travesti, presentes nos espaços intra-urbanos do Sul do Brasil, interconectam territórios em múltiplas escalas espaciais, é o que visa esta proposta de pesquisa. Os questionamentos que estruturam este projeto são desdobramentos da trajetória desenvolvida em minha dissertação de mestrado (ORNAT, 2008a). Tal investigação científica tinha como foco central compreender a correlação existente entre a territorialidade da prostituição e a instituição do sujeito travesti.

Durante este percurso foi estabelecida uma parceria, através do Projeto de extensão “Para além da 'batalha' na rua: práticas de inclusão sócio-espacial e promoção de direitos humanos dos grupos em situação de vulnerabilidade social”, entre o Grupo de Estudos Territoriais – GETE, do qual faço parte, e a Organização não governamental Renascer – Ponta Grossa, que possibilitou uma vivência durante dois anos do universo e das práticas territoriais dos sujeitos investigados. A convivência cotidiana entre o grupo de pesquisadores e o grupo focal de travestis levou a conflitos teóricos e tensões de pontos de vista que culminaram com a afirmação de que o território é um elemento fundante da identidade travesti, o que possibilitou a ultrapassagem do tratamento do território enquanto um receptáculo de práticas sociais.

A experiência vivida junto ao grupo das travestis, a paulatina legitimação do saber científico do grupo de pesquisadores junto a elas levou ao estabelecimento de novas questões que eram centrais em seus discursos, pois há entre este grupo uma busca de conquistas territoriais cada vez mais ampla. Entretanto, apenas algumas delas alçam relações que extrapolam àquelas contidas no território intra-urbano. Foi a partir das evidências contidas nas entrevistas exploratórias, orientadas ao presente projeto de doutorado, que foram

problematizadas as múltiplas dimensões territoriais presentes no fenômeno da prostituição travesti e sua complexidade.

Trata-se da exploração de sujeitos não adequados à heteronormatividade vigente, são homens no sentido fisiológico que se relacionam com o mundo como mulheres, desenvolvendo suas existências através do espaço. Qualquer escala tomada por referência para compreender esta correlação envolve elementos de alta complexidade e tornar inteligível este fenômeno presente na sociedade implica em um desafio político e científico.

2. PROBLEMÁTICA

A presente pesquisa tem por objetivo compreender *de que forma as práticas territoriais da prostituição travesti, presentes nos espaços intra-urbanos do Sul do Brasil, interconectam territórios em múltiplas escalas espaciais?* A questão evidenciada norteia a presente problemática que está estruturada três momentos. Inicialmente trazemos os principais encaminhamentos relacionados a discussão sobre o conceito de território na geografia, evidenciando sua importância na reflexão sobre a espacialidade da prostituição travesti. Em um segundo momento, construímos um quadro da produção geográfica em gênero e sexualidade, apontando tanto para a pouca relevância dada pela geografia brasileira às discussões envolvendo estas temáticas, como para o estabelecimento de um sub-campo na geografia de língua anglófona denominado Geografia Feminista. Concluimos nossa problemática discutindo a relação entre território, rede geográfica e escala para pensarmos a prostituição travesti a partir de um território descontínuo no Sul do Brasil.

2.1. O Conceito de Território Presente na Discussão Geográfica e o Território da Prostituição Travesti

A instituição do território intra-urbano da prostituição travesti, compreendido como instituído e instituinte do sujeito, está correlacionado aos espaços de interdição. A experiência vivida do sujeito travesti na cidade se constitui numa relação contraditória e complementar, que envolve interdições de vivências espaciais, como discutido por Silva (2009a), relacionadas ao poder da heteronormatividade e às instituições grupais, que as possibilitam se apropriar de outros espaços e tempos, tornado-os territórios.

A vivência espaço-temporal pode ser concebida e experienciada de forma contínua ou descontínua, com rupturas brutais ou bloqueios espaço-temporais, como argumenta Corrêa (1995) em sua discussão sobre o espaço como conceito-chave da geografia. Segundo o autor, no processo de produção e organização do espaço, os grupos sociais criam um conjunto de ações, através das quais são possibilitadas a criação, a reprodução, a destruição e a reconstrução das formas e das interações espaciais. Estas ações seriam resultado, de um lado, da aceitação pelos grupos sociais da própria existência da diferenciação espacial, e de outro, dos projetos orientados à viabilização da existência e à reprodução social.

Uma das dimensões de reprodução social é o território. Desde a institucionalização da geografia como ciência acadêmica, este conceito vem se colocando como objeto de interesse. Sua polissemia é apresentada por Haersbaert (2004), variando este conceito desde um Território Político – confundido-se muitas vezes com o Estado-Nação, o Território Econômico – relacionado a fonte de recursos, e ao Território Cultural – uma apropriação e valorização simbólica de determinada porção do espaço. Mas como visto por Souza (1995), a

forma de percepção do conceito de território privilegiada foi a relacionada ao Estado-Nação, colocando-se como uma área apropriada e ocupada por determinado grupo social. Enquanto uma área criadora de raízes e identidades, suas limitações não seriam imutáveis, mas cada espaço enquanto área apropriada seria território durante todo o tempo.

A articulação de área apropriada por agentes políticos que envolve o domínio de recursos econômicos é antiga, sendo base de análise de Friedrich Ratzel já em 1882 na obra *Anthropogeographie*, implicando uma noção de expansão espacial política para manutenção de recursos econômicos de determinado grupo social, apoiado no aparato político estatal. A perspectiva de controle de área também foi desenvolvida por Gottmann (1973) em 'The Significance of Territory'. Para o autor, o território é um espaço definido por um sistema de leis e de uma unidade que lhe governa, uma área que possui uma organização espacial e central. Gottmann entende o território como uma ação que busca compartimentar o espaço, resultado de uma separação, de uma diversificação e organização. Estes elementos teriam por função primordial servir tanto como um refúgio de segurança, como uma fonte de oportunidades. Para ter validade este conceito, Gottmann defende a ideia que este designaria uma relação entre autoridades políticas, entendendo o conceito como relacional. Todavia, a discussão sobre este conceito toma o mesmo encaminhamento produzido por Ratzel, relacionando território a Estado-Nação.

A primeira obra que foge dos determinismos discursivos que relacionam território a Estado-Nação, refere-se à obra de Raffestin (1993) em 'Por uma Geografia do Poder'. O autor trata o território como um dos trunfos do poder, ao lado da população e dos recursos, mas sendo um trunfo particular, “recurso e entrave, continente e conteúdo, tudo ao mesmo tempo. O território é o espaço político por excelência, o campo da ação dos trunfos” (1993, p. 60).

Para Raffestin, espaço e território não são equivalentes, mas o segundo é posterior ao primeiro, sendo formado a partir dele, espaço apropriado, territorializado e marcado por relações de poder a partir da visualização de Foucault (1988). O autor não relaciona a discussão do território exclusivamente ao Estado-Nação, como fez Ratzel. Em sua proposta, o território seria produzido do indivíduo ao Estado, passando por todas as organizações. Em qualquer nível encontraríamos atores produzindo território, apropriando-se do espaço. Assim, “em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados, somos todos atores sintagmáticos que produzem territórios” (RAFFESTIN, 1993, p.152). Segundo o autor, falar de território é fazer referência a ideia de limite, de delimitação do espaço, isolar, separar, ou manifestar uma relação de força em uma área precisa e restrita. Limite não apenas entendido como linear, mas também a partir de seu ponto de vista zonal.

Coloca-se neste movimento de renovação do conceito de território o trabalho de Robert Sack (1986) em 'Human Territoriality'. Nesta discussão, o autor defende a tese de que o território, enquanto um espaço segmentado, é uma fonte primordial de poder, entendido como posse de área. Os três processos de territorialização, ou seja, a atividade de tomada de posse do espaço, seriam a comunicação pela fronteira, a classificação por área e o controle interno/de acesso a este espaço, processo que iria de um quarto/comodo de uma casa ao Estado-Nação.

Tendo o mesmo conceito por objeto de reflexão, Souza (1995) em 'O território: Espaço e Poder, Autonomia e Desenvolvimento' salienta o fato de que o espaço vem a muito tempo sendo valorizado como de fundamental importância na manutenção, na conquista e no exercício do poder. Afirma que qualquer visualização do poder – de Sun Tzu, Michel Foucault, Paul Claval, Clausewitz e Ratzel – necessita de uma espacialidade, por mais fugaz e

indireta que esta nos pareça. Assim, fugindo de objetivos escusos, Souza grifa que seu interesse no território estaria localizado na possibilidade de saber quem manda ou influencia e como manda e influencia nesse território.

Assim como Sack (1986) e Raffestin (1993), Souza (1995) atribui uma variabilidade espacial e temporal deveras produtiva. Para ele, o território não deve ser reduzido às questões que envolvem o Estado-Nação, pois esse pode ser construído e desconstruído nas mais variadas escalas espaciais (da rua aos territórios dos países membros da OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte). Da mesma forma, podem ser instituídos e desfeitos nas mais variadas temporalidades (de séculos a horas). Mais ainda, podem ser permanentes ou cíclicos. O autor apresenta uma riqueza de situações de apreensão do território, entendendo-o como:

um campo de força, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre 'nós' (o grupo, os membros de uma coletividade ou 'comunidade', os *insiders*) e os 'outros' (os de fora, os estranhos, os *outsiders*). (...) Territórios, que são no fundo antes relações sociais projetadas no espaço que espaços concretos (...). (SOUZA, 1995, p. 86-87).

Como visto acima, é a organização binária que tem estruturado a reflexão relacionada a compreensão do território, vendo-o como a ação de inclusão e exclusão de objetos, indivíduos e comportamentos. Este se concebe enquanto um espaço apropriado por um grupo social, que delimita formalmente (ou não) uma fronteira, estabelece e/ou reforça posições de insider/outsider. Entretanto, a visualização do território pode ser ampliada, quando buscada outra configuração de forças, além de oposições de inclusão/exclusão.

Aprofundando a discussão sobre o conceito de território, Silva (2000) demonstra a partir de um diálogo com Holzer (1997), que quando considerado o poder como elemento preponderante do território, são deixadas de lado outras formas de territorialidades, não

relacionadas em um primeiro momento à questão das delimitações de áreas pelo poder. Segundo a autora, o território “pode ser visto como um conjunto de lugares, onde se desenvolvem laços afetivos e de identidade cultural de um determinado grupo social” (SILVA, 2000, p. 7), sendo a expressão da constituição do mundo pessoal e subjetivo, envolvendo a instituição do *eu* em relação ao *outro*.

A identidade tem sido um elemento importante nas discussões sobre o território. Como tratado por Bossé (2004) a identidade coloca-se como a resposta às perguntas de 'o que é? quem são eles? quem somos nós?'. Estes elementos servem para dar sentido a objetos e pessoas, pressupondo o estabelecimento de critérios concernentes a uma identificação (*eu – outro*). Ou uma identidade compreendida como uma *realização situacional* (entendida como espacial), buscando não o 'ser', mas o 'se tornar' (WEST & FENSTERMAKER, 1995). Como analisado por Valentine (2007), a identidade a partir desta perspectiva tem clara ressonância tanto com a proposta de Judith Butler (2003) sobre sua discussão de um gênero performático, quanto com a teoria ANT (Actor Network Theory), vendo as identidades não como possuidoras de propriedades fixas ou estáveis, produzindo sujeitos estáveis, mas identidades que surgem das práticas, ações que são espacializadas. Uma identidade não unitária, mas múltipla, constituída a partir das interseções entre vários aspectos identitários, como os de classe, gênero, sexualidade, etnia, etc. Interseção não pensada em termos de linhas homogêneas, mas enquanto um fazer, como um fluído possibilitando aproximações, distanciamentos, continuidades e descontinuidades, conflitos e neutralizações. Desta forma, para West e Fenstermaker (1995), as identidades seriam feitas e desfeitas, reclamadas e rejeitadas a partir de distintas espacialidades; a partir da nossa perspectiva, a partir de várias territorialidades.

O tratamento do território da prostituição sob a perspectiva de sua concretude, foi reelaborada pelas reflexões desenvolvidas por Ornat (2009), apoiado no referencial da Nova Geografia Cultural, sob a perspectiva feminista, relacionando território e prostituição travesti. Nestes argumentos, o território da prostituição é simultaneamente instituído e instituinte do sujeito travesti e de sua identidade. Esta discussão trata sobre o fato de que a linearidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo sexual é uma característica comum da sociedade ocidental contemporânea que procura a todo custo manter explicações da ordem heterossexual baseadas na natureza dos corpos e comportamentos. Sob esta perspectiva os sujeitos que não correspondem aos padrões estabelecidos são considerados desviantes, doentes e outros tantos qualificativos criados para classificar a sociedade e manter sua pretensa ordem natural.

O espaço condiciona as posições de sujeitos, compõe relações de forças, e orienta as escolhas e sua apreensão da realidade. As espacialidades que estavam relacionadas a vivência cotidiana do grupo de travestis entrevistadas para esta reflexão relacionaram-se a evocações referentes às relações estabelecidas na família, relações de conjugalidade, e relação entre as travestis e deste grupo com moradores e policiais. As espacialidades que compunham as memórias travestis simultaneamente criam os laços de afetividade do grupo de pertença e a diferenciação entre outros grupos; Como visto neste momento (ORNAT, 2009), estas espacialidades são constituidoras da experiência travesti e da identidade travesti, relacionadas a reprodução da heteronormatividade, bem como de sua transgressão. As principais espacialidades evocadas nas falas das travestis estavam relacionadas a casa, ao espaço urbano, e ao território. As experiências que são vividas pelas travestis, relacionadas a casa e ao espaço urbano, são compartilhadas no grupo, promovendo processos de identificação, processo que conflui para o espaço que se torna território.

É a vivência do território, instituído por normas e comportamentos orientados aos corpos, que produzem as identidades travestis, conseguindo localizar estas pessoas perante outros grupos sociais. Porém, as posições de sujeitos são móveis, entre centro e margem de relações de poder, pois o território da prostituição travesti é relacional, envolvendo configurações de poder entre os sujeitos que configuram as relações.

O território é constituído por múltiplas dimensões, podendo a travesti em cada uma delas se encontrar em centro e margem de relações de poder. É esta possível plurilocalização das travestis que pode subverter a ordem de forças entre *eu* e *outro*, pois estes são simultaneamente separados e conectados. O território é um local de obtenção de ganhos da comercialização das práticas sexuais, mas também um elemento importante na constituição do ser travesti, como um local de aprendizado do ser travesti. Território que é constituído e constituínte, assim como corpo, o sexo, o gênero, o desejo e a vida (ORNAT, 2009).

A perspectiva da Geografia Feminista tem constituído infindáveis possibilidades à criatividade dos geógrafos(as) em suas análises sobre a dimensão espacial da sociedade, e neste tocante, a discussão sobre o conceito de território na relação entre gênero e sexualidade, pois como defendido por Cosgrove (2004), a geografia está em toda parte. Entretanto, esta valorização não tem sido demonstrada na produção geográfica brasileira relacionada ao gênero e a sexualidade, como trataremos em seguida.

2.2. Gênero e Sexualidade: Uma Lacuna na Produção Geográfica Brasileira

As discussões geográficas envolvendo a relação entre as temáticas gênero, territorialidade e sexualidade colocam-se no Brasil num conjunto de esparsos trabalhos. Tais

discussões não têm ganho voz, tanto no formato de publicação em periódicos, como relacionadas aos trabalhos orientados nos programas de pós-graduação em Geografia no Brasil.

Após uma busca realizada tanto no Portal de Dissertações e Teses da Capes¹, como na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações², coordenando pelo IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia), desde o ano de 1987, a partir dos termos gay, gênero, homossexual, lésbica, prostituição, *queer*, sexualidade, transexual, travesti, travestilidade, todos relacionados à geografia, foram encontrados, a partir de uma filtragem das duplicações entre os bancos de dados e palavras-chave, quatorze trabalhos (ALMEIDA, 2005; CALIÓ, 1991; CARVALHAL, 2003; COSTA, 2002; FRANCISCO, 1997; GARCIA, 2001; MALZONE, 2001; NABOZNY, 2007; ORNAT, 2008a; PAEGLE, 2004; PORTO, 2004; RODRIGUEZ, 2006; SCHEFLER, 2002; SOUSA, 2005). O primeiro trabalho refere-se a uma tese de doutorado em geografia defendido na Universidade de São Paulo sobre 'Relações de gênero na cidade: uma contribuição do pensamento feminista a geografia urbana' (CALIÓ, 1991), com o último trabalho sendo defendido em 2008 (ORNAT, 2008a). Tendo sido feitos em sua maioria no nível de mestrado (treze trabalhos), estes foram realizados nas instituições Universidade de São Paulo (três), Universidade Federal da Bahia (dois), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (um), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (um), Universidade Federal do Paraná (um), Universidade Federal de Goiás (um), Universidade Federal de Pernambuco (um), Universidade de Brasília (um), Universidade Federal de Santa Maria (um), e Universidade Estadual de Ponta Grossa (dois).

Esta pequena produção em programas de pós-graduação em geografia coloca-se como

1 Levantamento realizado entre 19 a 23 de maio de 2008.

2 Idem.

uma ausência do discurso geográfico brasileiro em relação a estas temáticas. Pensamos que uma possibilidade para tratarmos sobre esta ausência está alocado na reflexão feita por Santos (2004). Para o autor, quando trabalhamos com aquilo que não existe, necessitamos compreender o que é produzido ativamente como não existente, “como uma alternativa não-crível ao que existe. O seu objecto empírico é considerado impossível à luz das ciências sociais convencionais, pelo que sua simples formulação representa já uma ruptura com elas (p. 786)”. Esta ausência, não nas ciências sociais, mas na geografia brasileira, consolida-se com a existência de ambientes de interlocução em pequeno número, restringindo-se no Brasil aos encontros do Simpósio de Espaço e Cultura (NEPEC - UERJ), encontros multidisciplinares, como nas oito edições do Encontro Fazendo Gênero (Instituto de Estudos de Gênero / UFSC) e outros em que estas discussões são periféricas ou deslocadas, como por exemplo o Simpósio Nacional de Geografia Urbana – SIMPURB e o Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia - ENANPEGE.

Na produção geográfica localizada nos periódicos de circulação nacional, novas discussões demonstram o desejo de constituição de novos horizontes para a geografia. Novas temáticas são apontadas por geógrafas/os como Oliveira e Vianna (1988), Mattos e Ribeiro (1996), Ribeiro (1997), Campos (2000) e Costa (2005), pensando as questões das mulheres, território, sexo e a prostituição a partir das suas espacialidades. Outras posturas podem ser vistas em Silva (2003, 2007 a-b, 2008), Ornat (2008b), Ornat e Silva (2007), Nabozny (2007 a-b), Nabozny, Ornat e Silva (2007), Velda da Silva (1998), Rossini (1992, 1993, 1994, 1998, 2002) e López Pons e Lan (2008), buscando pensar o gênero e a sexualidade geograficamente, a partir de novas orientações epistemológicas, em sua maioria, desvencilhadas de perspectivas masculinistas.

Outras visualizações foram obtidas a partir de um trabalho sistemático realizado pelo Grupo de Estudos Territoriais - UEPG, entre novembro e dezembro de 2008, tendo por objetivo mapear as produções brasileiras localizadas em periódicos de circulação nacional, com base na avaliação do triênio 2004-2006, Sistema Qualis (SILVA, 2009b). Este trabalho demonstrou que de mil quinhentos e nove artigos, localizados em cento e noventa e sete revistas, entre os anos de 1978 e 2008, foram encontrados apenas cinco artigos referentes a temáticas *mulheres e gênero* (Oliveira e Vianna, 1988; Rossini, 1998; Diniz e Castro, 2003; Silva, 2007 a-b), não sendo objeto de reflexão a relação entre espacialidade e sexualidade.

Outra busca realizada refere-se às linhas e projetos de pesquisa sob coordenação de doutores/as geógrafas/os, cadastrados na Plataforma Lattes (CNPq), que tinham por palavra-chave *Geografia Feminista, Gênero, Sexualidade e Mulheres*. Do total de currículos cadastrados na Plataforma Lattes, apenas quinze tinham como palavra-chave alguns dos termos acima postos. Apenas três destes currículos tinham algum projeto de pesquisa com ocorrência na década de 1990. Estes tinham por objetivo compreender a relação entre mulher e cultura, movimentos sociais, trabalho, cotidiano e gênero. No início do século XXI, alguns temas permanecem como as relações entre mulheres e trabalho. Entretanto, outros temas têm nascimento, como a valorização da obra de Simone de Beauvoir (1967, 1970) para as ciências sociais, planejamento urbano e gênero, as questões de gênero na luta do Movimento dos Sem-Terra, cruzamentos entre gênero, raça e uma feminização da pobreza, migrações nacionais e internacionais. Nesta década surgem acusações de ausências e silêncios do discurso geográfico, a instituição de um espaço paradoxal como resultante da intercessão entre sexo, gênero e desejo, e a espacialidade das 'homo'sexualidades. Também fazem parte desta tônica as discussões envolvendo violência, criminalidade e gênero.

Esses trabalhos foram realizados na década de 1990, ou tem sido realizados neste início de século, pelas/os professoras/es Antônia dos Santos Garcia (Universidade Federal da Bahia), Antonio Thomaz Júnior (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho), Benhur Pinós da Costa (Universidade Federal do Amazonas), Carmen Regina Dorneles Nogueira (Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões), Doralice Barros Pereira (Universidade Federal de Minas Gerais), Elizeu Ribeiro Lira (Fundação Universidade Federal do Tocantins), Ivana Maria Nicola Lopes (Universidade Federal do Rio Grande), Jones Dari Goettert (Universidade Federal da Grande Dourados), Joseli Maria Silva (Universidade Estadual de Ponta Grossa), Kelly Cristine Fernandes de Oliveira Bessa (Fundação Universidade Federal do Tocantins), Martha Johanna Haug (Faculdades Integradas Cândido Rondon), Rosa Ester Rossini (Universidade de São Paulo), Sonia Alves Calió (Universidade de Uberaba), Sueli Andruccioli Felix (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho) e Susana Maria Veleda da Silva (Universidade Federal do Rio Grande).

Estas/es geógrafas/os, acima citadas/os, têm se colocado na contra mão do que é produzido, via de regra, no Brasil, pois este total é pequeno, frente ao número de geógrafas/os que trabalham com outras temáticas já consagradas da geografia humana, como geografia urbana ou geografia política. Na produção científica do “hemisfério norte”, Olesen (2008) aponta em 'Early Millennial Feminist Qualitative Research', que os principais campos do conhecimento que tratam das questões envolvendo gênero e sexualidade são a Antropologia, Sociologia, Psicologia, Ciência Política, Filosofia, História e Estudos Interdisciplinares de Mulheres, e os Estudos Culturais, mas também em programas profissionais como Educação, Enfermagem, e Serviço Social. Infelizmente, dentre as 20 perspectivas lançadas pela autora e os 125 trabalhos levantados, nenhum deles está relacionado a uma reflexão espacial. Mas a

geografia tem contribuído à estas discussões.

O interesse pelos fenômenos sociais relacionados ao gênero e à sexualidade surgiu na segunda metade do séc. XIX, como visto por Phillips (1999). O nascimento desta curiosidade tinha por origem a modificação de uma série de práticas discursivas, como dos sistemas hegemônicos do direito, da medicina e da religião (FOUCAULT, 1988), mas também de outros discursos, como da arte, da pornografia, da antropologia, e da literatura de viagem.

Estas literaturas de viagem são deveras interessantes, pois cartografaram territórios imaginários nos quais novas representações de sexualidade – homo e hetero – foram construídas e contestadas. Como afirmado por Phillips (1999), poucos autores tiveram um papel tão importante de cartografar e discutir a sexualidade, como a partir da proposta de Richard Burton. Mais especificamente, Burton cartografou em sua obra 'The Thousand Nights and a Night' (volume 10. London, 1886) uma Sotadic³ Zone. Esta era uma área onde a pederastia era comum, desafiando com suas afirmações as construções hegemônicas de sexualidade, dando inteligibilidade para um novo sujeito da sexualidade, o homossexual. Esta era uma área localizada entre as latitudes 43° e 30° Norte, compreendendo o Sul da Europa e o Norte da África. No Oriente Médio esta faixa se estreitava, voltando a se alargar na China, Japão e Turquestão. Como na proposta de Burton (1886), nos mares do sul e no Novo Mundo, o amor Sotádico era uma instituição bem estabelecida. Burton havia escrito diretamente e abertamente sobre sexo, defendendo um estilo combativo e queixando-se de censura. Burton afirmou que sua abordagem poderia prejudicar sua carreira e seu emprego. E de fato, Burton tornou-se *persona non grata*, tanto nos corredores da Foreign Office, como na Royal Geographical Society. Contudo, o mais importante na sua obra foi à importância dada pelo

3 Burton tomou este termo de Sotades, um poeta de Alexandria do séc. III a.C., que escreveu versos aparentemente inofensíveis que se tornavam obscenos se lidos de traz pra frente. (DYNES, W. 1985.)

geógrafo ao espaço no sexo e nas sexualidades, ou melhor, em saber como as relações sociais eram espacialmente constituídas e contestadas. (PHILLIPS, 1999)

A tradição da discussão envolvendo a relação entre espacialidade, gênero e sexualidade, enquanto um corpo de reflexão remonta apenas à década de 1970. Tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra, desde esta década, um sub-campo da geografia tem se afirmado, denominado “Geografia Feminista”. Desde suas primeiras proposições, este sub-campo têm se alimentado do movimento feminista e, ao mesmo tempo, o tem alimentado (OBERHAUSER *et al*, 2003).

A Geografia Feminista nasce no contexto da 'segunda onda' do movimento feminista. Como dissertado por Narvaz e Koller (1996), este pode ser periodizado a partir de três ondas: a primeira onda representa o surgimento do movimento feminista, entre o final do séc. XIX e início do XX, nascendo como um movimento de luta das mulheres por igualdades de direitos civis. Este foi estruturado na Inglaterra, França, Estados Unidos e Espanha; a segunda onda ressurge nas décadas de 1960/70, em especial nos Estados Unidos e na França. Enquanto as feministas americanas enfatizavam a denúncia da opressão masculina e a busca da igualdade (feminismo de igualdade), as francesas postulavam a necessidade de serem valorizadas as diferenças entre homens e mulheres, dando visibilidade, principalmente, à especificidade da experiência feminina, geralmente negligenciada (feminismo de diferença); para as autoras, a terceira onda, forjada anos 1980, introduz o paradigma da incerteza no campo do conhecimento, tendo por influência as proposições feitas por Michel Foucault e Jacques Derrida. É nesta terceira fase que se observa uma intensa justaposição entre movimento político e academia.

Uma das proposições, produzidas através da perspectiva da Geografia Feminista,

pertinente à presente discussão, relaciona-se às questões levantadas por Jon Binnie e Gill Valentine (1999) em 'Geographies of sexuality – a review of progress', trazendo a relevância das proposições de Judith Butler à Geografia da Sexualidade. A sociedade atual naturaliza a linearidade entre sexo-gênero-desejo sexual. Entretanto, Butler (2003) desconstrói esta pretensa naturalidade, argumentando que há uma construção cultural que classifica os corpos a partir de suas características físicas de macho ou fêmea, instituindo a ordem poderosa da heteronormatividade. Segundo esta autora, não há apenas uma associação entre estas categorias, pois o ser humano pode produzir inúmeras combinações em sua vivência cotidiana, sendo uma possibilidade os sujeitos travestis.

A partir da compreensão da constituição cultural da norma heteronormativa de gênero, é possível dizer que o ser travesti desestabiliza o poder que organiza o mundo, já que ele não pode ser classificado nos polos binários do masculino/feminino. Vale ressaltar que esta desestabilização é espacial. Estamos nos referindo à seres que são 'homens no sentido fisiológico' que se relacionam com o mundo como mulheres, rompendo e complexificando as categorias clássicas de masculino e feminino como apontado Peres (2005). Segundo este autor, as identidades sexuais e de gênero tem superado a visão orientada pela biomedicina que dava sentido ao discurso heteronormativo. Atualmente, os estudos que abordam a expressão de identidades sexuais e de gênero têm sido intermediados pela compreensão histórica, social, cultural e, para nós geógrafos(as), também pelas compreensões espaciais e/ou territoriais.

Tanto o gênero, entendido como o conjunto de ideias que uma cultura específica constrói em relação ao que é ser homem ou mulher, como o território, são cotidianamente inventados. Isto se deve ao fato de que embora as travestis visivelmente afrontem a linearidade discutida por Butler (2003) entre sexo, gênero e desejo, elas são fruto e constroem

a mesma sociedade heteronormativa que as refuta. Cada espacialidade vivenciada pelas travestis constitui uma rede de relações socioespaciais.

Dentro da multiplicidade de teias, o território da prostituição é uma delas. Isto relaciona-se a construção do conceito do Espaço Paradoxal discutido por Rose (1993). As reflexões da autora concentram-se na imaginação espacial do que Teresa de Lauretis (1987) em 'Technologies of gender' chama de sujeito do feminismo. Este seria um projeto político, como uma estratégia pessoal e política de sobrevivência e resistência. Todavia, ao mesmo tempo, uma prática crítica e uma forma específica de conhecimento, que vai além da dualidade homem-mulher, entendido enquanto eixos identitários.

Inicialmente, para Rose (1993) isto já aponta para a importância de outras orientações identitárias, onde as reflexões devessem ir além das diferenças sexuais. Em sua discussão, outros elementos devem ser considerados, um mundo de representações linguísticas e culturais, nas suas experiências em relação a outras esferas identitárias dos sujeitos, como a raça, a classe, bem como as relações sexuais. Isto formaria um sujeito não unificado, mas múltiplo, e não apenas dividido, como contraditório, trazendo a possibilidade de existências que vão além dos discursos dominantes.

Este sujeito do feminismo é associado a um distinto sentido de espaço. Um espaço que é multidimensional, contingente e em movimento. Rose (1993) o chama de paradoxal, ou seja, onde as ocupações entre centro e margem, *insider* e *outsider*, são ocupadas simultaneamente. Ou, como afirma Lauretis (1987):

É um movimento entre o (representado) e o que a representação deixa de fora, ou mais precisamente, tornado irrepresentável. É um movimento entre o (representado) espaço discursivo da posição disponibilizada pelos discursos hegemônicos e o espaço-off, o outro lugar, os outros discursos..., há dois tipos de espaços, que não estão nem em oposição um ao outro (...),

mas que coexistem em simultaneidade e contradição. O movimento entre eles, portanto, não é o de uma dialética de integração, de uma combinação, ou de uma *différance*, mas é a tensão da contradição, da multiplicidade e da heteronomia. (LAURETIS, 1987, p. 26)⁴

Esta apreensão do espaço demanda uma passagem radical às geometrias heterogêneas, pois proporciona a articulação de diferentes estruturas espaciais e/ou territoriais. Assim, o mapeamento desta geograficidade não pode ser apenas o rebatimento de relações sociais de poder sobre espaços territoriais, pois isto é apenas a demonstração, congelada, de uma das dimensões do espaço paradoxal. Desta forma, nossa proposta não é o mapeamento do fenômeno do território descontínuo da prostituição travesti no Sul do Brasil, mas compreender a lógica que subjaz este fenômeno, pois este é fluído, dinâmico e em movimento.

Cada relação tipificada possui uma espacialidade, compostas por relações de poder, nos moldes de Foucault (1988). Em sua análise, Foucault defende a tese de que não podemos considerar a existência de um metaconceito chamado poder, localizado em algum lugar ou emanando de alguma coisa, mas colocando-se como uma feição heterogênea e em transformação. Portanto, “o poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente” (FOUCAULT, 1988, p. X) e espacialmente.

Como visto acima, diferentemente do Brasil, onde a Geografia tem demonstrado pouco interesse nas possíveis relações entre espacialidade, gênero e sexualidade, a geografia anglófona tem valorizado esta orientação, interesse demonstrado a partir dos inúmeros caminhos de reflexão e ação.

Estes caminhos têm buscado compreender, a partir da perspectiva feminista, as questões metodológicas, referentes à identidade, cultura, espacialidade, mas também nas

⁴ It is a movement between the (represented) and what the representation leaves out or, more pointedly, makes unrepresentable. It is a movement between the (represented) discursive space of the position made available by hegemonic discourses and the space-off, the elsewhere, of those discourses [...] there two kinds of spaces are neither in opposition to one another [...], but they coexist concurrently and in contradiction. The movement between them, therefore, is not that of a dialectic, of integration, of a combinatory, or of difference, but is the tension of contradiction, multiplicity, and heteronomy.

discussões sobre identidade, espaços do corpo e sexualidade. Prova deste interesse é a existência de grupos específicos de discussão em diversas associações de geógrafos, como na Association of American Geographers (Geographic Perspective on Woman Specialty Group), na Royal Geographical Society with the Institute of British Geographers (Woman and Geography Study Group of IBG) na International Geographical Union (Commission on Gender and Geography), no Canadian Association of Geographers (Canadian Woman and Geography Study Group).

Como analisado por Silva (2009c) as reflexões geográficas relacionadas a sexualidade superaram um grande conjunto de preconceitos relacionados a estas temáticas, incluindo as sexualidades no campo de discussão da geografia feminista. Dentre um corpo de reflexões relacionadas a espacialidade de gays e lésbicas, coloca-se como de fundamental importância pensarmos sobre a espacialidade de sexualidades distintas, relacionadas ao grupo das travestis, a partir de um território descontínuo da prostituição no Sul do Brasil.

2.3. Prostituição Travesti e Território Descontínuo

A proposição do Espaço Paradoxal, somado a discussão feita por Valentine (2007) relacionado a Interseccionalidade, propicia novas reflexões relacionadas ao território descontínuo da prostituição travesti presentes nos espaços intra-urbanos no Sul do Brasil. O conceito de Interseccionalidade é utilizado pela autora para demonstrar a conexão entre diferentes categorias sociais, tais como gênero, classe, etnia, sexualidade e assim por diante, ou seja, uma interconexão entre categorias de experiência, acontecendo através do espaço. A partir de concretas relações sociais, a articulação entre estas categorias produzem efeitos

espaciais específicos. Contudo, estas experiências não são separáveis no indivíduo a partir de distintas espacialidades, mas são vivenciadas simultaneamente. Esta vivência simultânea produz possibilidades espaciais variadas de realização das identidades, um processo de configuração de interseções espacialmente específicas, uma realização situada. Sendo as identidades 'feitas' espacialmente, Valentine (2007) nos exorta que devemos buscar compreender como esta interseccionalidade, enquanto uma experiência vivida, é produzida espacialmente, como determinados elementos da interseção são oprimidos em determinadas espacialidades, ou sob nossa perspectiva, sob várias territorialidades, e valorizados em outras, podendo estes elementos se abalar, se anular ou se cancelar. Isto aponta para o fato do movimento constante entre diferentes posições de sujeito, delineando o fato de que a forma pelas quais 'somos' surgem de interações e contextos geográficos específicos.

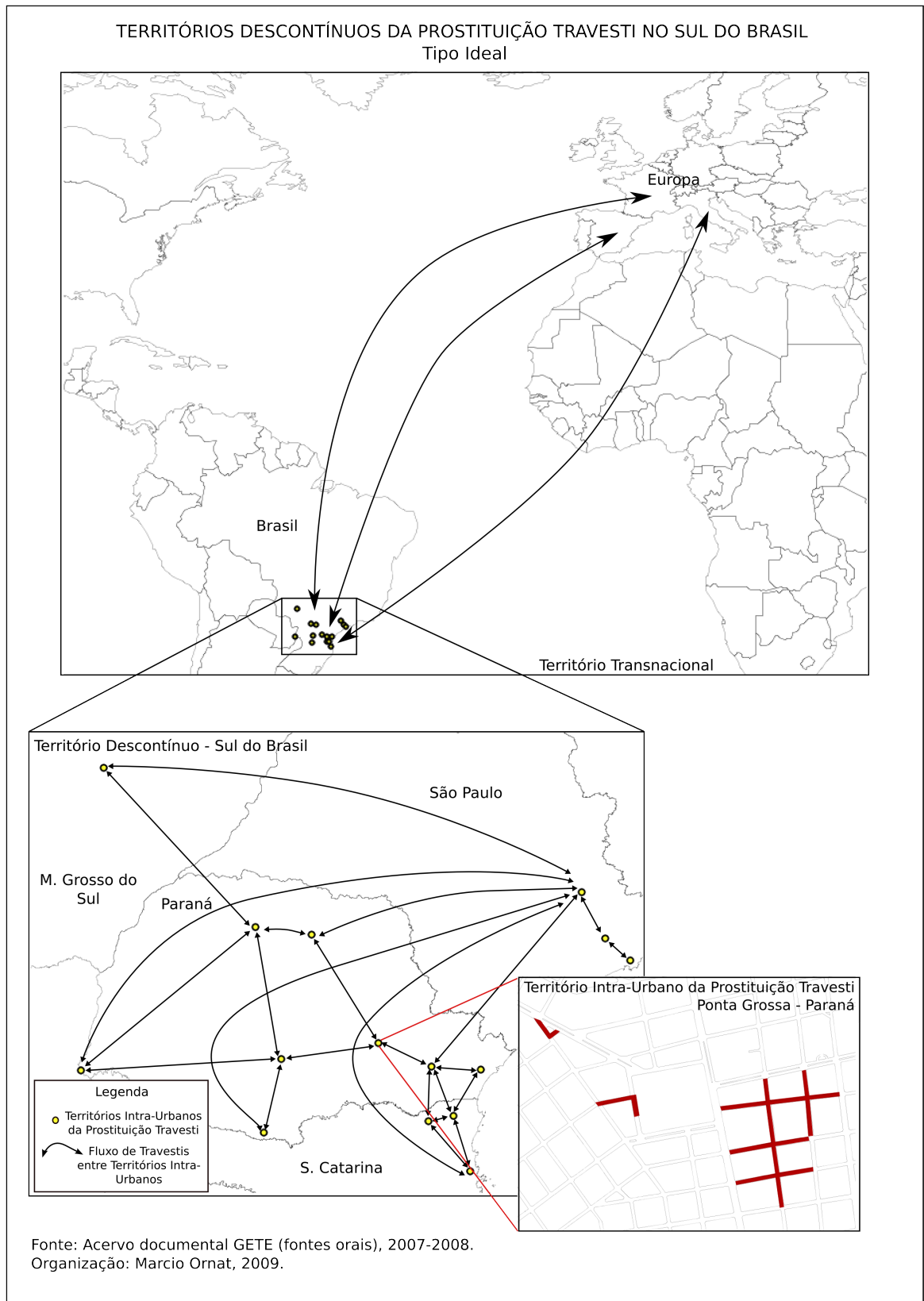
A análise do território a partir das relações de poder que tensionam sujeitos plurilocalizados em múltiplas dimensões espaciais é fundamental para tornar inteligível a questão proposta para este projeto de pesquisa. Os territórios da prostituição travesti intra-urbano no Sul do Brasil ligam-se com outras escalas espaciais e/ou territoriais a partir de alguns sujeitos que se relacionam com mais de uma dimensão escalar territorial, sendo portanto, plurilocalizados.

O fenômeno abordado implica considerar escalas complementares, que conforme Castro (1995), permitem sua múltipla apreensão, já que a realidade está contida em todas elas. Neste fenômeno, várias escalas se co-penetraram, como também visto por Corrêa (2003) em 'Uma nota sobre o urbano e a escala'. Evidencia-se a partir desta reflexão que duas escalas conceituais estariam em relação: uma relacionada a um tipo de 'rede urbana da prostituição'; e outra referente a escala intra-urbana. Da mesma forma, estas escalas não são estanques, mas

como visto por Sheppard e McMaster (2004), as escalas são espacialmente e temporalmente fluídas, pois os processos sociais estão presentes em várias escalas geográficas.

Nem todas as travestis envolvidas com a atividade da prostituição realizam fluxos através de amplas redes geográficas que conectam territórios de diversas escalas. O conceito de rede pressupõe, como visto por Dias (1995), pensar fluxos de todos os tipos, de mercadorias à informações, sendo sua primeira qualidade a conexidade. Assim, os nós da rede seriam locais de conexão. Como tratado nas palavras da autora, “nunca lidamos com uma rede máxima, definida pela totalidade das relações mais diretas, mas com a rede resultante da manifestação das coações técnicas, políticas, econômicas e sociais” (DIAS, 1995, p. 148). Esta possível rede seria resultante de manifestações sociais da prostituição travesti no Sul do Brasil. Algumas travestis conhecem os códigos culturais centrais na estruturação das redes de relações sócio-territoriais e desta forma potencializam seus fluxos inter-territoriais. Trata-se assim, como apontado por Corrêa (1999), de uma rede particular, a rede geográfica, formada por um conjunto de localizações na superfície da Terra articulada por fluxos e vias. Não como algo dado, mas enquanto uma construção social, reflexo e condição social, construída historicamente, fruto da consciência e de uma intencionalidade. Mas no fenômeno objeto de interesse neste projeto, não tratamos especificamente de uma rede geográfica, mas de uma conexão entre territórios a partir da instituição de uma rede geográfica. Neste tocante, Souza (1995), além de considerar o território como uma área definida e delimitada por/a partir de relações de poder, traz uma interessante concepção sobre a configuração de territórios constituídos pela relação entre território e rede geográfica, como visto na figura 1 abaixo.

Figura 1



Para esta reflexão, estes são pontos ou nós que se conectam entre si por segmentos de arco, que correspondem aos fluxos que conectam e interligam os nós – fluxos de pessoas, bens e informações. Cada nó desta rede seria um território da prostituição travesti, interligado pelo fluxos cíclicos das travestis. Esta construção é analisada por Souza (1995) como sendo uma ponte que vai além de uma ligação conceitual, mas constituindo uma ponte entre escalas de análise, propondo o autor a denominar este território-rede de *território descontínuo* .

Assim,

O território descontínuo associa-se a um nível de tratamento onde, aparecendo os nós como pontos adimensionais, não se coloca evidentemente a questão de investigar a estrutura interna destes nós, ao passo que, à escala do território contínuo, que é uma superfície e não um ponto, a estrutura interna precisa ser considerada. Ocorre que, como cada nó de um território é, concretamente e à luz de outra escala de análise, uma figura bidimensional, um espaço, ele mesmo um território, temos que cada território descontínuo é, na realidade, uma rede que articula dois ou mais territórios contínuos. (SOUZA, 1995, p. 93)

As redes geográficas estruturadas pelas conexões entre os territórios são constituídas de elementos próprios da identidade do grupo de travestis. Como existe um conjunto de normas relacionadas aos territórios, isto também seria visível a outras dimensões escalares. O respeito a estas configurações de interseccionalidade resulta em benefícios materiais e simbólicos, de acesso ou não acesso às redes. A arte da convivência espacial, em qualquer dimensão territorial, é concretizada devido aos laços de proximidade e repetição de práticas culturais. Da relação entre comportamento e benefício resulta o conceito de *conveniência*, proposto por Mayol: “um compromisso pelo qual cada pessoa, renunciando a anarquia das pulsões individuais, contribui com sua cota para a vida cotidiana, com o fito de retirar daí benefícios simbólicos necessariamente protelados.” (MAYOL, 1996, p. 39). Sob as regras de *conveniência*, cada indivíduo se torna parceiro do contrato social, orientado a respeitá-lo para

tornar possível sua vida cotidiana. A utilização destes códigos culturais atribui-lhe uma identidade que o autoriza a assumir o seu lugar nas redes de relações sociais inscritas em cada territorialidade.

A partir das entrevistas exploratórias realizadas com travestis que retiram seu sustento da atividade da prostituição em Ponta Grossa – Paraná, conseguimos detectar a existência de dimensões territoriais, e não apenas uma medida de fenômeno relacionada ao intra-urbano. Do total de travestis entrevistadas, 25% não haviam trabalhado na prostituição em outro local a não ser em Ponta Grossa – Paraná. Os outros 75% haviam trabalhado, antes de vir para Ponta Grossa, nos Estados de São Paulo (São Paulo, Campinas, Santos), Paraná (Guarapuava, Curitiba, Londrina, Maringá, Foz do Iguaçu, Paranaguá, Palmas), Santa Catarina (São Bento do Sul, Camboriú, Joinville) e Mato Grosso do Sul (Campo Grande), sendo que a média de tempo de residência das travestis em Ponta Grossa é de 10 anos.

De forma cíclica ou em períodos consideráveis as travestis vivenciam diversos territórios intra-urbanos, ou diversas escalas territoriais, uma relacionada a um território contínuo, o território intra-urbano, e outra relacionada a um território descontínuo, resultado do fluxo das travestis. Esta territorialidade, porém, como dito acima, não é uma possibilidade a todas as travestis, pois algumas delas conseguem constituir uma nova territorialidade descontínua, que se viabiliza em uma outra escala de fenômeno, podendo efetivar-se através dos territórios intra-urbanos. A característica de multiterritorialidade é um elemento que cria a possibilidade destas travestis saírem do Brasil, entrando em um circuito transnacional.

Existem diversas formas das travestis conseguirem acessar e participar do circuito territorial da prostituição. Uma delas é a cafetinagem. Uma das entrevistas exploratórias evidenciou que dos 10 municípios (São Paulo, Campinas, Guarapuava, Curitiba, Londrina,

Maringá, Foz do Iguaçu, Camboriú, Joinville, Campo Grande) que eram constituidores da multiterritorialidade desta travesti entrevistada, 6 municípios tinham como central uma travesti–cafetina; em 2 se tinha uma mulher–cafetina; no restante tem-se uma travesti central, mas não com a ocorrência da cafetinagem, ou seja, a cobrança pela possibilidade de ficar na rua e se prostituir. Em cada território da prostituição travesti intra-urbano tem-se travestis que se localizam no centro das relações de poder e travestis que se localizam na periferia das relações de poder.

Esta relação de centro e margem tem ocorrência neste território descontínuo, concorrência relacionada ao encaminhar travestis para fora do Brasil. Se determinada travesti entra na Europa através de uma cafetina–travesti, ou mesmo mulher, que é central nas relações de poder, esta terá mais condições de permanecer na Europa. Caso contrário, sua permanência prolongada pode ficar comprometida.

O estabelecimento do recorte espacial desta investigação está fundamentado nos seguintes posicionamentos metodológicos: 1. O recorte espacial é uma construção intelectual conjunta entre o grupo pesquisado e o pesquisador; 2. O recorte espacial estabelecido conjuntamente com o grupo pesquisado é fruto da flexibilidade e da posicionalidade do pesquisador frente ao grupo e ao fenômeno a ser investigado; 3. A definição do recorte espacial conjugado com a posicionalidade adotada pelo pesquisador junto ao grupo pesquisado permite o aprofundamento da inteligibilidade do fenômeno a ser investigado.

A compreensão do recorte espacial enquanto construção intelectual que se da nesta pesquisa foi construído durante o trabalho de campo exploratório e a partir de uma convivência de mais de dois anos com o grupo de travestis; as questões lançadas neste projeto de doutorado não foram feitas *a priori*, mas nasceram de uma convivência que apontou para a

espacialidade do Sul do Brasil. Da mesma forma como visto por Rose (1997) em 'Situating knowledges, positionality, reflexivities and other tactics', a minha posicionalidade de pesquisador em relação ao grupo pesquisado potencializa a vivência junto ao grupo. A resposta de campo em um trabalho investigativo é o resultado de um processo concatenado por condicionamentos de retro-alimentação entre os vários fatores que envolvem a produção do conhecimento. Esta versão parcial construída da realidade expressa-se a partir de sujeitos posicionados.

Assim, minha posicionalidade em relação ao grupo a ser investigado produz uma aceitação do sujeito pesquisador pelo sujeito pesquisado, avalizando minha entrada junto ao grupo e legitimando meus questionamentos: não me coloco como um *outsider*, mas como um *iniciado* para o grupo. A profundidade de respostas que colheria em outra espacialidade no Brasil seria completamente dispare a que potencialmente pode ser produzida nesta espacialidade proposta, a partir da minha posicionalidade.

Coloca-se como de fundamental importância refletirmos sobre a forma de estabelecimento das dimensões territoriais da prostituição travesti no Sul do Brasil e a natureza destas relações, mas também compreender o mecanismo de constituição de sujeitos multiterritoriais a partir de interseccionalidades espacialmente constituídas. As travestis envolvidas na atividade da prostituição têm sido sistematicamente relegadas à marginalidade, tanto na geografia brasileira, como tema de relevância científica, como sócio-espacial, vivendo segregadas e carregando o estigma da culpa de diversos problemas sociais, entre eles a disseminação de doenças e a ocorrência de práticas sexuais que não coadunam com as que ocorrem na família tradicional.

Na teia de relações que envolvem a travestis e o cliente, além da participação de

outros sujeitos, os grupos prostituídos, paradoxalmente, estando no centro das relações, são alocados a uma condição de invisibilidade social, ficando expostos a situações de risco de diversas naturezas. Compreender de que forma as práticas territoriais da prostituição travesti no Sul do Brasil interconectam territórios em múltiplas escalas espaciais, certamente enriquecerá o universo conceitual da ciência geográfica. Além disso, a inclusão da relação entre território–identidade–prática sexual, trará visibilidade a um grupo marginalizado, fornecendo através deste, subsídios à elaboração de políticas públicas, fundamentais para a ampliação e fortalecimento da cidadania deste grupo social.

3. QUESTÕES

Propiciando fornecer retorno à questão central – *De que forma as práticas territoriais da prostituição travesti, presentes nos espaços intra-urbanos do Sul do Brasil, interconectam territórios em múltiplas escalas espaciais?*- dividiu-se a mesma em três sub-questões discriminadas abaixo:

3.1 Questões Específicas

1. Quais são as práticas territoriais da prostituição travesti no Sul do Brasil?
2. Como as práticas territoriais travestis conectam territórios e identidades?
3. De que forma se estabelece o jogo inter-escalar como estratégia de conquista e manutenção do poder dos territórios da prostituição travesti?

4. OPERACIONALIZAÇÃO

4.1. As Fontes

A fonte principal das informações relacionadas as três questões específicas é o grupo das travestis que conseguiu participar da rede geográfica que estrutura o território descontínuo, relacionado ao Sul do Brasil. A porta de entrada na rede de travestis que participa dessa configuração espacial é o próprio grupo das travestis que retira seu sustento da atividade da prostituição em Ponta Grossa-Paraná, notadamente as que apresentam uma multiterritorialidade.

Outra fonte importantíssima de informações, e uma forma de acesso ao grupo das travestis, é a *Associação Brasileira de Gays, Lésbica e Transgêneros*, especificamente as Ongs que fazem parte da associação (ABGLT, 2005). As Ong's aqui selecionadas estão relacionadas aos Estados que foram citados em entrevistas exploratórias no Sul do Brasil, e que definem a multiterritorialidade travesti:

Quadro 1 – ONGs Filiadas a Associação Brasileira de Gays, Lésbica e Transgêneros /Região Sul.

Estado Sede	Nome da Associação
Paraná	• Adé Fidan; APPAD; Grupo Afinidade; Grupo Dignidade; Grupo Esperança; Grupo Expressões; Grupo Renascer; Grupo Safos; INPAR 28 de Junho.
Santa Catarina	• ADEH/Nostro Mundo; Associação de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgênero de Santa Catarina; Fazendo a Diferença/Grupo Gay de Blumenal Movimento Livre.
Rio Grande do Sul	• Grupo Livre Orientação Sexual; LEGAU; Outra Visão Somos/Comunicação/Saúde/Sexualidade.

Fonte: ABGLT. Congresso da ABGLT: Avanços e perspectivas, 2005.

4.2. Questão específica 1

O território é um espaço apropriado e delimitado por relações de poder de um grupo social específico, pois como apontado por Haersbaert (2004), territorializar é “(...) criar mediações espaciais que nos proporcionem efetivo poder sobre nossa reprodução enquanto grupos sociais” (HAERSBAERT, 2004, p. 79). Alguns sujeitos vão além da vivência territorial intra-urbana, possuindo uma outra dimensão de vivência espacial. Contudo o acesso a esta outra escala de relação não é fruto do acaso, mas resultado de táticas postas em ação por esses sujeitos, possibilitando esta ampliação. Portanto, buscamos responder à questão específica 1, referindo-se a *Quais são as práticas territoriais da prostituição travesti no Sul do Brasil?*

4.3 Procedimentos

Será aplicado roteiro de entrevista às travestis que possuem esta multiterritorialidade, buscando levantar de que forma essas pessoas conseguiram transformar uma vivência territorial relacionada ao espaço intra-urbano em uma configuração grupal multiterritorial. A orientação para estas entrevistas relaciona-se a informações que caracterizem este grupo, como idade, escolaridade, local de nascimento, local de residência, tempo de vida na prostituição, municípios em que já se prostituiu, municípios que compõem a multiterritorialidade, além de outras questões que visam o estabelecimento das ações de instituição/manutenção dos territórios, ou como foi a relação dos sujeitos com o território já instituído. As instituições que trabalham na prevenção de DST/Aids (ABGLT, 2005) são uma importante fonte de informação no tocante as dinâmicas territoriais intra-urbanas. Devido a

isto, buscar-se-á, a partir da aplicação de roteiro de entrevista semi-estruturado⁵, compreender os processos de instituição e manutenção dos territórios e as relações sócio-territoriais que têm existência através deste.

4.4 Questão específica 2

Na relação entre grupo das travestis e território da prostituição travesti são desenvolvidos laços identitários, estruturados como um conjunto de normas culturais tácitas de conduta para com os territórios, uma *conveniência* (MAYOL, 1996). Participar do grupo territorializado significa aderir a um sistema de valores produzidos culturalmente, um conjunto de normas identitárias para cada território, devendo cada jogador realizar seus movimentos respeitando as regras instituídas. Cada território é constituído por um conjunto de normas, constituindo territórios distintos entre si. Só as travestis que conhecem as variações normativas presentes nos territórios da prostituição travesti intra-urbanos conseguem obter uma multiterritorialidade. A partir desta orientação buscamos compreender *Como as práticas territoriais travestis conectam territórios e identidades?*

4.5 Procedimentos

Aplicação de roteiro de entrevista⁶ às travestis que possuem uma multiterritorialidade, buscando captar quais são os elementos que conseguem atribuir a um sujeito um posição central nas relações de poder que estruturam o território descontínuo. Buscamos também compreender quais são os elementos identitários e culturais que compõem

5 Ver anexo.

6 Idem.

esta dimensão espacial, como as condutas corporais demandadas e os benefícios ao respeito a estas legislações.

4.6 Questão específica 3

Os territórios intra-urbanos da prostituição travesti possuem uma outra dimensão, relacionada a um território descontínuo, produzido a partir da conexão que se realiza através do fluxo de algumas travestis entre alguns territórios. Estas conexões não são homogêneas e permanentes, podendo ser heterogêneas e cíclicas. A partir destas verificações, buscamos compreender *De que forma se estabelece o jogo inter-escalar como estratégia de conquista e manutenção do poder dos territórios da prostituição travesti?*

4.7 Procedimentos

Aplicação de roteiro de entrevista⁷ às travestis que possuem uma multiterritorialidade, buscando estabelecer quais são as características da relação entre os territórios, no tocante à natureza e intensidade: quais são os territórios intra-urbanos que são 'visitados' por ano, qual a intensidade desta conexão, quais são os motivos deste fluxo, qual é a natureza de relacionamento diferencial entre os territórios intra-urbanos.

5. CRONOGRAMA

ANO 2008 – Realizado

- Cumprimento dos créditos do programa;

⁷ Ver anexo.

- Aprofundamento do referencial teórico;
- Ampliação do contato com os grupos.

ANO 2009 – Em andamento

- Estabelecimento dos territórios intra-urbanos da prostituição travesti e do território descontínuo no Sul do Brasil – cartografia de base;
- Realização de entrevista semi-estruturada com as travestis (15 entrevistas realizadas no Brasil / 10 horas de entrevistas; 7 entrevistas realizadas em Madri-Espanha / 7 horas de entrevistas);
- Estabelecimento do contato com Ongs vinculadas a temática;
- Levantamento das informações junto à Ongs.

ANO 2010

- Quantificação dos dados das Ongs;
- Análise do discurso das travestis.

ANO 2011

- Redação preliminar da Tese;
- Redação final da Tese.

6. BIBLIOGRAFIA

ABGLT. **Congresso da ABGLT: Avanços e perspectivas**. Curitiba: Associação Brasileira

de Gays, Lésbicas e Transgênero, 2005, 68 p.

ALMEIDA, Luciana Rachel Coutinho Contreiras de. **Do poder às margens e das margens ao poder: um olhar geográfico sobre os territórios da prostituição feminina na Avenida Conselheiro Aguiar, Boa Viagem – Recife/PE**. 2005. (Universidade Federal de Pernambuco – Dissertação de Mestrado).

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo – a experiência vivida**. Paris: Difusão Européia do Livro, 1967.

_____. **O segundo sexo – fatos e mitos**. Paris: Difusão Européia do Livro, 1970.

BINNIE, Jon; VALENTINE, Gill. Geographies of sexuality – a review of progress. **Progress in Human Geography**, vol. 23, n° 2, p. 175-187, 1999.

BOSSÉ, Mathias Le. As questões de identidade em geografia cultural – algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org) **Paisagens, textos, identidade**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p. 157-179.

BURTON, Richard. **The Thousand Nights and a Night**. Volume 10, London: DP&P, 1886. <http://www.wollamshram.ca/1001/Vol_10/vol10.htm>, [10 de janeiro de 2009].

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, 236 p.

CALIÓ, Sonia Alves. **Relações de gênero na cidade: uma contribuição do pensamento feminista a geografia urbana**. 1991. (Universidade de São Paulo – Tese de Doutorado).

CAMPOS, Heleniza. Permanência e Mudança no Quadro de Requalificação Espacial de Cidades Brasileiras: O Caso das Territorialidades do Sexo na Área Central do Recife. **Território**, Rio de Janeiro, Nº 9, p. 25 – 43, Jul/Dez 2000.

CARVALHAL, Terezinha Brumatti. **A questão de gênero nos sindicatos de Presidente Prudente/SP**. 2003. (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Dissertação de Mestrado).

CASTRO, Iná Elias de. O Problema da Escala. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografias: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 117 – 140.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 15-47.

- _____. Redes Geográficas e Teoria dos Grafos. **Textos LAGET**, Série Pesquisa e Ensino nº 1, 1999.
- _____. Uma nota sobre o urbano e a escala. **Território**, vol. 7, nº 12, 13, 14, p. 133–136, 2003.
- COSGROVE, Denis. A geografia está em toda a parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p. 92 – 122.
- COSTA, Benhur Pinos da. **A condição homossexual e a emergência de territorializações**. 2002. (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Dissertação de Mestrado).
- COSTA, Benhur Pinós da. A relação dialética entre funcionalização e afetividade na construção do espaço urbano: a produção microterritorial e o caso das convivências homoeróticas subterrâneas ao social. **Caesura**, nº. 27, p. 45-68, 2005.
- DIAS, Leila Christina. Redes: Emergências e organização. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 141 – 162.
- DYNES, Wayne. **Homolexis: A Historical and Cultural Lexicon of Homosexuality**. New York: Gai Saber Monograph, 1985, 177 p.
- DINIZ, Alexandre Magno Alves e CASTRO, José Flávio Moraes . Diferenças sócio-espaciais entre homens e mulheres chefes de domicílio de Belo Horizonte. **Sociedade & Natureza**, vol. 14, nº 15, p. 189-207, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988, 176 p.
- FRANCISCO, Maria Luiza Oliveira de. **Trabalho familiar na Agricultura do Município de Rio Claro (S.P): A mulher e a criança na pequena produção**.1997 (Universidade de São Paulo – Dissertação de Mestrado).
- GARCIA, Antonia dos Santos. **As mulheres da cidade D'OXUM: relações de gênero, raça e classe e organização espacial do movimento de bairro em Salvador**. 2001. (Universidade Federal da Bahia – Dissertação de Mestrado).
- GOTTMANN, Jean. **The significance of territory**. Virgínia: University Press, 1973, 169 p.
- HAERSBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização: do “Fim dos Territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, 395 p.

- HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Terr@Plural**, Rio de Janeiro, n.º 3, p. 77-85, 1997.
- LAURETIS, Teresa de. **Technologies of gender: essays on theory, film, and fiction**. Bloomington: Indiana University Press, 1987, 151 p.
- LÓPEZ PONS, María Magdalena; LAN, Diana. Democracia, género y participación política en el territorio argentino a principios del siglo XXI. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, vol. 1, p. 9–24, jan/jun 2008.
- MALZONE, Rosalina Alves da Silva. **A participação da mulher, o crescimento das religiões/crenças e a produção do espaço em São José do Rio Preto**. 2001. Universidade de São Paulo – Dissertação de Mestrado).
- MATTOS, Rogério Botelho de; RIBEIRO, Miguel Ângelo Campos. Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro. **Terr@Plural**, vol. 1, n.º 1, p. 59–76, 1996.
- MAYOL, Pierre. O Bairro. In: Certeau, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, Cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 37 – 69.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. **Ratzel**. São Paulo: Editora Ática, 1990, 199 p.
- NABOZNY, Almir. **A complexidade espacial da exploração sexual infanto-juvenil feminina: entre táticas e estratégias de (in)visibilidade**. 2007. (Universidade Estadual de Ponta Grossa – Dissertação de Mestrado).
- NABOZNY, Almir; SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose. Desafios à análise do espaço urbano: interpretando textos marginais do discurso geográfico. **Terra Livre**, v. 29, n.º 2, p. 15-28, 2007.
- NABOZNY, Almir. Uma discussão sobre gênero e acesso ao espaço urbano: O paradoxo da participação política cívica e da participação no Estado. **Revista de História Regional**, vol. 11, p. 7-28, 2007a.
- _____. Constrangimentos Espaciais: a concepção legal de infância e as táticas desconstrucionistas desenvolvidas pelas profissionais do sexo. **Terr@Plural**. Ponta Grossa, vol.1, p. 103-113, 2007b.
- NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, vol. 11, n.º. 3, p. 647-654, set/dez 2006.
- OBERHAUSER, Ann M.; RUBINOFF, Donna; BRES, Karen D.; MAINS, Susan; POPE,

- Cindy. Geographic Perspective on Woman. In: GAILE, Gary L.; WILLMOTT, Cort J. (Orgs). **Geography in America at the Dawn of the 21st Century**. Oxford: Oxford University Press, 2003, 820 p.
- OLESEN, Virginia. Early Millennial Feminist Qualitative Research. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonnas. **The Landscape of Qualitative Research**. London: Sage Publication, 2008, p. 310-370.
- OLIVEIRA, Zuleica Lopes Cavalcanti de; VIANNA, Márcia Coelho de Segadas. Trabalho feminino e a situação familiar da mulher nas áreas metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, e Recife. In: **Revista Brasileira de Geografia**, vol. 50, n° 2, p. 5 – 48, 1988.
- ORNAT, Marcio Jose e SILVA, Joseli Maria. Deslocamento cotidiano e gênero: acessibilidade diferencial de homens e mulheres ao espaço urbano de Ponta Grossa – Paraná. **Revista de História Regional**, vol. 12, n° 1, p. 175-195, 2007.
- ORNAT, Marcio Jose. **Território da prostituição e instituição do ser travesti em Ponta Grossa – PR**. 2008, 160 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa – Paraná, 2008a.
- _____. Território e prostituição travesti: uma proposta de discussão. **Terr@Plural**, vol. 1, p. 41–56, jan/jul 2008b.
- _____. Espacialidades travestis e a instituição do território paradoxal . In: SILVA, Joseli Maria (Org.) **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa-PR: Todapalavra, 2009, p. 177-209.
- PAEGLE, Leilane de Moura. **Espaços femininos no bairro das Mercês/Curitiba**. 2004. (Universidade Federal do Paraná – Dissertação de Mestrado).
- PERES, Wiliam. **Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania**. 2005, 201 p. Tese (Doutorado em Medicina Social) Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- PHILLIPS, Richard. Writing travel and mapping sexuality – Richard Burton's Sotadic Zone. In: GREGORY, Derec; DUNCAN, James. **Writes of postage, reading travel writing**. New York, Routledge, 1999, p. 70-91.
- PORTO, Vanessa Almeida. **O lugar das ocupantes no mercado de trabalho de Santa Maria/RS em 2004**. 2006. (Universidade Federal de Santa Maria – Dissertação de Mestrado).

- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. 1ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 1993, 270 p.
- RIBEIRO, Miguel Ângelo Campos. Prostituição de Rua e Turismo em Copacabana – A Avenida Atlântica e a Procura de Prazer. **Território**, vol. II, nº 3. p. 87 – 104, jul/dez 1997.
- RODRIGUEZ, Lilia Mabel. **Entre o lar e a rua : os territórios das mulheres na casa e na cidade**. 2006. (Universidade de Brasília – Dissertação de Mestrado).
- ROSE, Gillian. **Feminism & Geography. The limits of Geographical Knowledge**. Cambridge: Polity Press, 1993, 205 p.
- _____. Situating knowledges - positionality, reflexivities and other tactics. **Progress in Human Geography**, vol. 21, nº 3, 1997, p. 305-320.
- ROSSINI, Rosa Ester. A Mulher como Força de Trabalho na Agricultura da Cana (Estado de São Paulo). **Boletim de Geografia Teórica**, vol. 22, nº 43-44, p. 295-305, 1992.
- _____. Geografia e Gênero: A Mulher como Força de Trabalho no Campo. **Informações Econômicas**, p. 41-52, 1993.
- _____. Mulher e Meio Ambiente: O Trabalho da Mulher na Agricultura Canavieira do Estado de São Paulo (Brasil). **Mulher e Meio Ambiente, EDUFAL - Alagoas**, vol. 1, p. 15-40, 1994.
- _____. As geografias da modernidade - geografia e gênero - mulher, trabalho e família. O exemplo de Ribeirão Preto - SP. **Revista do Departamento de Geografia - USP**, nº 12, p. 7-26, 1998.
- _____. Nas atividades econômicas a modernidade tecnológica exclui homens e mulheres. Incorpora mais a mulher na cidade e menos no campo. **GeoUSP. Espaço e tempo**, vol. 12, p. 47-56, 2002.
- SACK, Robert. **Human Territoriality – its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, 256 p.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Cortez, 2004, 824 p.
- SCHEFLER, Maria de Lourdes Novaes. **Mulheres guardiãs da terra e da vida: um estudo de caso sobre o papel multifuncional da mulher na organização familiar**. 2002. (Universidade Federal da Bahia – Dissertação de Mestrado).

- SHEPPARD, Eric; McMASTER, Robert. **Scale and Geogaphic Inquiry – Nature Society and Method**. Malden – USA: Blackwell Publishing, 2004, 272 p.
- SILVA, Joseli Maria. Culturas e Territorialidades Urbanas. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, vol. 5, nº 2, p. 9 – 36, Inverno de 2000.
- _____. Um ensaio sobre a potencialidade do uso do conceito de gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional**, vol. 1, p. 31-45, verão 2003.
- _____. Amor, paixão e honra como elementos da produção do espaço cotidiano feminino. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, vol. 22, p. 97-109, 2007a.
- _____. Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano. **Geosul (UFSC)**, vol. 22, p. 117-134, 2007b.
- _____. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. In: **GeoUERJ**, vol. 18, p. 1-18, 2008.
- _____. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade . In: SILVA, Joseli Maria (Org.) **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa-PR: Todapalavra, 2009a, p. 135 – 149.
- _____. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica. In: SILVA, Joseli Maria (Org.) **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa-PR: Todapalavra, 2009b, p. 55 – 91.
- _____. Fazendo Geografias: Pluriversalidades Sobre Gênero e Sexualidade. In: SILVA, Joseli Maria (Org.) **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa-PR: Todapalavra, 2009c, p. 25 – 53.
- SOUSA, Alemar Moreira de. **O espaço que ousa dizer seu nome: territórios gltbs de Goiânia**. 2005. (Universidade Federal de Goiás – Dissertação de Mestrado).
- SOUZA, Marcelo Lopes de. O Território: Sobre Espaço e Poder, Autonomia e Desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa.; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografias: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 77-115.
- VALENTINE, Gil. Theorizing and Researching Intersectionality: A Challenge for Feminist Geography. **The Professional Geographer**, vol. 59, nº 1, p. 10–21, 2007.
- VELEDA DA SILVA, Susana Maria. Geografia e Gênero/Geografia Feminista-o que é isto?. **Boletim Gaúcho de Geografia**, vol. 23, p. 105-120, 1998.

WEST, Candace; FENSTERMAKER, Sarah. Doing difference. **Gender and Society**: vol. 9, p. 8–37, 1995.

7. ANEXO

A - ROTEIRO DE ENTREVISTA (travesti) – Dia / / .

1. IDENTIFICAÇÃO

- Nome / nome fictício:
- Idade: Município de nascimento:

2. SOBRE A ENTREVISTADA

- Como você se auto-identifica? Quando iniciou esse reconhecimento?
- Como foi seu processo de transformação?
- Como sua família reagiu a sua transformação?
- Qual o local que teve mais influência em seu processo de transformação?
- O que é o ser travesti para você?

3. TÁTICAS ESPACIAIS – TERRITORIALIDADE INTRA-URBANA

- Qual município você começou a “batalhar”? Seu início foi na rua ou em boates?
- Como você rompeu a concorrência e a resistência?
- Peça que defina seu território (Ruas, Praças,...).
- Qual o porquê desta localização / Por que não outra rua – área?
- Quem manda neste território hoje? (nome...)
- O que é ser uma travesti na cidade? Quais são os espaços de sofrimento e felicidade? (relato de experiências...).
- Qual o significado de participar do território.

4. TÁTICAS ESPACIAIS – A REDE GEOGRÁFICA

- Em quais municípios você já “batalhou”? Qual o tempo de permanência em cada município? (ano de permanência...).
- Como conseguiu “entrar” nestes territórios.
- Quem manda nestes territórios hoje? (nomes...).
- Existe uma circulação de travestis entre os territórios intra-urbanos da prostituição travesti durante o ano. Todas as travestis podem circular entre os territórios? Por que?
- Pode descrever os circuitos que você fez?
- Como e por quê você fez este circuito?
- Como se pode circular nestes territórios acima citados? Existe algum comportamento específico? Existe o auxílio de alguém? Quem?
- Quais são os motivos da circulação entre os territórios?
- Quais são os benefícios da circulação?
- Quantas travestis você conhece? (nomes por cidade...) Quais fazem esta circulação entre os territórios?
- Existe alguma diferença de comportamento das travestis entre os territórios? Qual?
- Como são as relações cotidianas na casa da cafetina?
- Qual o significado de participar da rede geográfica?

B - ROTEIRO DE ENTREVISTA (Cafetina) – Dia / / .

1. IDENTIFICAÇÃO

- Nome / nome fictício:
- Idade: Município de nascimento:

2. SOBRE A ENTREVISTADA

- Como você se auto-identifica? Quando iniciou esse reconhecimento?
- Como foi seu processo de transformação?
- Como sua família reagiu a sua transformação?
- Qual o local que teve mais influência em seu processo de transformação.
- O que é o ser travesti para você?

3. TATICAS ESPACIAIS

- Você já “batalhou”? Em quais municípios? Qual o tempo de permanência em cada município? (ano de permanência...).
- Como você se constituiu como uma travesti central?
- Quando você começou a ajudar travestis? Como foi este processo?
- Quantas travestis você já ajudou? De quais cidades/estados elas vieram?
- Quais são os auxílios dados “fora” os da casa?
- Existem conflitos entre as travestis em sua casa?
- Quais os motivos / benefícios destes auxílios?
- Você conhece outras travestis centrais (como você) de outras cidades? Quem são elas? Como são estes relacionamentos?
- Qual a sua relação com o território da prostituição travesti, a esquina, a noite?